

FUTEBOL E PODER EM REVISTAS BRASILEIRAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM BALANÇO BIBLIOGRÁFICO (2014-2023)

Felipe Tavares Paes Lopes¹

José Leandro Pereira Manjaterra Loner²

Resumo: Neste artigo, objetivamos compreender como as relações entre futebol e poder foram abordadas em artigos publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área de Educação Física na última década (2014-2023). Para alcançar tal objetivo, pesquisamos 12 revistas da área e analisamos um total de 19 artigos. Entre outras coisas, constatamos que há poucas publicações sobre as referidas relações e que as discussões sobre elas ainda são fragmentadas. Também constatamos que tais relações foram tratadas, principalmente, a partir da questão de gênero, indicando certa preocupação da área com as experiências e vivências das mulheres no universo do futebol.

Palavras-chave: Futebol; Poder; Balanço bibliográfico; Educação Física.

Football and power in Brazilian Physical Education journals: a literature review (2014-2023)

Abstract: In this article, we aim to understand how the relationship between football and power has been addressed in articles published in Brazilian academic journals in the field of Physical Education over the last decade (2014-2023). To achieve this goal, we researched 12 journals in the field and analysed a total of 19 articles. Among other things, we found that there are few publications on these relationships and that discussions about them are still fragmented. We also found that these relationships were dealt with mainly from a gender perspective, indicating a certain concern in the field with women's experiences in the world of football.

Keywords: Football; Power; Literature review; Physical Education

Introdução³

As relações entre futebol e poder têm sido objeto de investigação científica desde a consolidação do campo da Sociologia do Esporte, no fim da década de 1960 e início dos anos 1970, principalmente na Europa. Entre outros estudos que

¹ Docente na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: lopesftp@gmail.com

² Graduando em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: j236065@dac.unicamp.br

³ Agradecemos ao Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão – FAEPEX, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo apoio financeiro, fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

foram fundamentais para o avanço da compreensão dessas relações, destacam-se: as pesquisas pioneiras da Escola de Leicester, conduzidas inicialmente por Elias e Dunning (1993), que analisaram a formação do esporte moderno à luz da teoria do processo civilizatório; os estudos baseados em Bourdieu (2007), que relacionaram as práticas esportivas e as filiações sociais, projetando essas práticas em sistema; e as pesquisas de orientação marxista, conduzidas por autores como Vinnai (1978) e Brohm (1982; 1993), que interpretaram o futebol pelas chaves da alienação e do controle da classe trabalhadora.

Na América Latina, a perspectiva marxista foi predominante nas análises do futebol até a década de 1980, embora já houvessem críticas dirigidas a ela, como as formuladas por Sodré (1977). Daquele período, destaca-se, principalmente, o livro “Fútbol y Masas”, de Sebreli (1981), que, em diálogo com a Escola de Frankfurt, analisou as conexões do futebol argentino com o mundo dos negócios, com o universo da política e com a violência, chamando atenção para seus (supostos) efeitos alienantes e (possíveis) significados (inconscientes) sexuais.

Outro livro de destaque daquele período foi “Futebol: ideologia do poder”, de Ramos (1984), que, se apoiando em Marx, Gramsci e Althusser, analisou o futebol brasileiro como um aparelho ideológico de Estado (AIE). Um aparelho que mistificaria a realidade do nosso país, dissimulando nossas contradições e problemas sociais, e que ofereceria um conjunto coerente de representações, valores, ideias e crenças, promovendo uma falsa conciliação de classe. Em suma, um aparelho que contribuiria para garantir a manutenção da ordem social (capitalista) vigente.

Ainda na década de 1980, uma corrente quase oposta, baseada em estudos antropológicos – como os de Guedes (2023), DaMatta (1982) e Archetti (2016) – ganhou fôlego na América Latina, e o futebol passou a ser visto como um espaço de formação de identidades, participação, pertencimento, emoção, criação e imaginação. Nesse momento, a perspectiva dos amantes do esporte passou a ser valorizada. Afinal, deixaram de ser vistos como meros alienados, que nada tinham de significativo a dizer, para serem vistos como atores legítimos dentro do universo do futebol (LOVISOLO, 2011). Desde então, o futebol tem sido analisado, de forma sistemática, por pesquisadores das áreas das Ciências

Humanas e Sociais, como indicam diversos balanços bibliográficos (TOLEDO, 2001; GIGLIO; SPAGGIARI, 2010; ALABARCES, 2011; HELAL, 2011; TOLEDO, 2020; COSTA; HELAL, 2021).

Entre outras questões, esses pesquisadores têm analisado o papel do futebol na formação das identidades nacionais (HELAL, 2011). No Brasil, na segunda metade dos anos 1990, essa questão ganhou ainda mais visibilidade acadêmica com as múltiplas controvérsias ensejadas pelo debate em torno do livro “O negro no futebol brasileiro”, de Mario Filho (2010), publicado pela primeira vez em 1947. Debate protagonizado por Soares e aqueles autores que denominou de “novos narradores”, que, a seu ver, se apropriaram e atualizaram, de forma pouco rigorosa, a tradição narrativa inaugurada pelo referido livro.

No mesmo período, diversos pesquisadores brasileiros passaram a se debruçar, também, sobre as práticas e representações de um grupo específico de torcedores: as torcidas organizadas. Afinal, além de serem as responsáveis pela festa nas arquibancadas, essas torcidas protagonizaram diversos episódios de violência, que ganharam grande destaque nos meios de comunicação – como, por exemplo, a famosa Batalha Campal do Pacaembu, ocorrida numa final de futebol júnior, em 1995, quando membros de organizadas do Palmeiras e do São Paulo invadiram o campo de jogo e se enfrentaram com paus, pedras e outros artefatos, resultando na morte de um torcedor e em mais de uma centena de feridos (LOPES, 2019).

Hoje em dia, uma série de novas temáticas tem sido discutida, como o futebol de mulheres, as opressões de gênero e raça no universo do futebol e a atuação dos coletivos ativistas de torcedores, que fazem frente tanto ao processo de hipermercantilização do esporte quanto ao neofascismo no esporte e na sociedade (LOPES, 2019). Certamente, a questão do poder é central para discutir todos esses temas. Por esta razão, neste artigo, optamos por fazer um balanço bibliográfico da produção em Educação Física sobre futebol e poder, com o objetivo de compreender como tal tema foi abordado em artigos publicados em revistas acadêmicas brasileiras da área na última década (2014-2023).

A opção por focalizar a produção da Educação Física deve-se ao fato de ela ser, historicamente, uma área relevante para os debates acadêmicos sobre esporte e sociedade e pela escassez de revisões bibliográficas sobre como o tema sob

análise tem sido discutido pelos pesquisadores da área. Importante reforçar, no entanto, que o campo de estudos sobre esportes no Brasil é caracterizado por sua interdisciplinaridade – a própria Revista Esporte e Sociedade se define como uma publicação interdisciplinar. Sendo assim, o recorte feito, aqui, contempla, evidentemente, apenas um pedaço do debate sobre futebol e poder no Brasil, não sendo, de forma alguma, representativo da totalidade do conjunto de esforços que tem sido feito para fazer avançá-lo. Há, sem dúvida, muitos esforços sendo feitos em outras áreas. Apenas para citar dois exemplos: em 2019, a revista Estudos Históricos, que possui a História como área-mãe, publicou um dossiê sobre futebol, história e política, apresentando textos que abordam as relações entre o “esporte bretão” e temáticas como ditadura, colonialismo, migração etc. Já em 2023, a revista *Eptic*, da área de Comunicação e Informação, publicou um dossiê sobre a economia política do esporte-espetáculo, com textos versando sobre futebol-empresa, torcedores antifascistas, o futebol como indústria cultural etc. A menção a esses esforços é, certamente, necessária para reconhecer não só a pluralidade do campo pesquisado, mas, também, as limitações do recorte da pesquisa aqui apresentada.

Para alcançar os objetivos estabelecidos, estruturamos o artigo da seguinte forma: primeiramente, indicamos nosso percurso metodológico. Em seguida, apresentamos um panorama geral dos artigos, focalizando seu contexto de produção e publicação. Depois, analisamos seu conteúdo, abordando os principais temas associados à discussão sobre futebol e poder, assim como as fontes e os referenciais utilizados.

Método e materiais

De acordo com Toledo (2021, p. 3), balanços bibliográficos

[...] servem de guias bibliográficos e cumprem evidenciar formas de abordagens que levam a prospectar lacunas empíricas e teóricas, identificar inserções institucionais, elencar relevâncias e hierarquias de centros de pesquisa, avaliar limites e contribuições teórico-metodológicos e acomodar ou desacomodar os pesquisadores autores no interior dessas redes sociais.

Para realizarmos o balanço aqui proposto, debruçamo-nos sobre um tipo específico de material: artigos acadêmicos. Embora parte das análises em

Ciências Humanas e Sociais ainda seja publicada no formato de livro, os artigos não deixam de ser importantes indicadores dos saberes desenvolvidos, em um dado momento, em um espaço disciplinar, como a Educação Física, podendo apontar para os temas nela considerados pertinentes, as bibliografias utilizadas e as teorias, conceitos e métodos adotados. Ademais, pode apontar para os modos de pensamento e tipos de questões nela consagrados (MARTINO, 2023).

Os artigos selecionados foram retirados de periódicos científicos da área de Educação Física que publicam em português e que foram classificadas no último Qualis-CAPES (2017-2020) como B1 e B2. Afinal, uma vez que a área não possui nenhum periódico classificado como A, podemos afirmar que é, nesse estrato, onde se encontram os periódicos acadêmicos de maior prestígio. Tomando como base esses critérios, selecionamos as seguintes revistas para a nossa pesquisa: *Motriz*, *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, *Movimento*, *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, *Journal of Physical Education*, *Pensar a Prática*, *Conexões*, *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*, *Arquivos de Ciência do Esporte*, *Motrivivência e Licere*.

Em relação à pesquisa nessas revistas, cruzamos, nos seus campos de busca, os seguintes descritores: “futebol e poder”, “futebol e dominação” e “futebol e resistência”. A opção por cruzar os termos “dominação” e “resistência” com “futebol” – e não apenas “poder” – justifica-se, pois, caso contrário, poderíamos descartar artigos relevantes para o trabalho. Afinal, com (muita) frequência, as relações de dominação são consideradas um tipo específico de relações de poder e as práticas de resistência, uma forma de contraposição a esse último tipo de relação (THOMPSON, 2000). Em outras palavras, no contexto das Ciências Humanas e Sociais, os termos “dominação” e “resistência” tendem a ser subsumidos do termo “poder”, que, a partir de uma lógica “guarda-chuva”, está localizado no topo.

Uma vez selecionados os artigos, excluímos aqueles que: 1 – não apresentavam os termos “poder”, “dominação” ou “resistência” no título, resumo ou palavras-chave (procedimento que permitiu separar aqueles textos que tratavam da questão do poder apenas muito lateralmente, como se ela fosse, no máximo, coadjuvante, daqueles que a abordavam mais diretamente); 2 – não

foram publicados no período contemplado, ou seja, de 2014 a 2023 e 3 – não eram artigos originais, artigos de revisão ou ensaios, isto é, entrevistas, resenhas, traduções e editoriais não foram incluídos no corpus, que foi composto por 19 artigos.

No que diz respeito à análise do *corpus*, adotamos os seguintes procedimentos: primeiramente, lemos na íntegra todos os textos. Em seguida, os submetemos a uma análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Para realizar essa análise, fizemos um quadro de sistematização, indicando o título de cada um deles, o periódico onde foi publicado, o ano de publicação, o nome do(s) autor(es), seu sexo e sua filiação institucional. Também indicamos os temas abordados, os referenciais teóricos utilizados, os procedimentos metodológicos adotados e as principais conclusões.

Resultados e discussão

Uma vez indicados os caminhos metodológicos percorridos, apresentamos e discutamos, agora, os principais resultados da pesquisa.

Panorama geral dos artigos

Começamos pelos anos de publicação. Conforme podemos ver no gráfico 1, há um baixo número de publicações sobre o tema, com alguns anos sem nenhuma publicação sequer. De qualquer modo, o ano com maior número de publicações foi 2021, com 4. Uma hipótese para esse pico é o fato de, em 2020, o Brasil ter assistido à chamada Primavera das Torcidas Antifascistas, quando setores progressistas das torcidas organizadas e integrantes dos coletivos ativistas de torcedores saíram às ruas das principais capitais do Brasil – especialmente, São Paulo – para enfrentar a extrema direita, que saía semanalmente às ruas para defender o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) e pautas antidemocráticas, como a volta do regime militar (1964-1985). Assim, graças ao evento, o debate sobre futebol e poder ganhou novos contornos, entrando com força na agenda pública – recebendo, inclusive, atenção dos meios de comunicação (LOPES, 2013).

Podemos observar, ainda, que, nos anos de 2012, 2013 e 2014, houve certa regularidade no número de produções (2 por ano), após 4 anos sem nenhuma.

Provavelmente, isso deve-se, ao menos em parte, ao fato de ter sido naquele período que o Brasil recebeu a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Ademais, foi naquele período que ocorreram as Jornadas de Junho, que problematizaram, entre outras coisas, o dinheiro investido nesses eventos.

Gráfico 1: Publicações por ano



Fonte: Elaborado pelos autores

No que diz respeito aos periódicos onde foram publicados os artigos, os 3 com maior número de publicações (5) foram as revistas Movimento, Motrivivências e Pensar a Prática, seguidas pela Revista Brasileira de Educação Física (3) e pela Conexões (1). Interessante notar que as 3 que dividem a liderança são revistas que atuam na interface com as Ciências Humanas e Sociais, buscando analisar os aspectos pedagógicos, históricos, socioculturais e filosóficos da Educação Física e do Esporte. Por isso, provavelmente, a visibilidade dada ao tema “futebol e poder”.

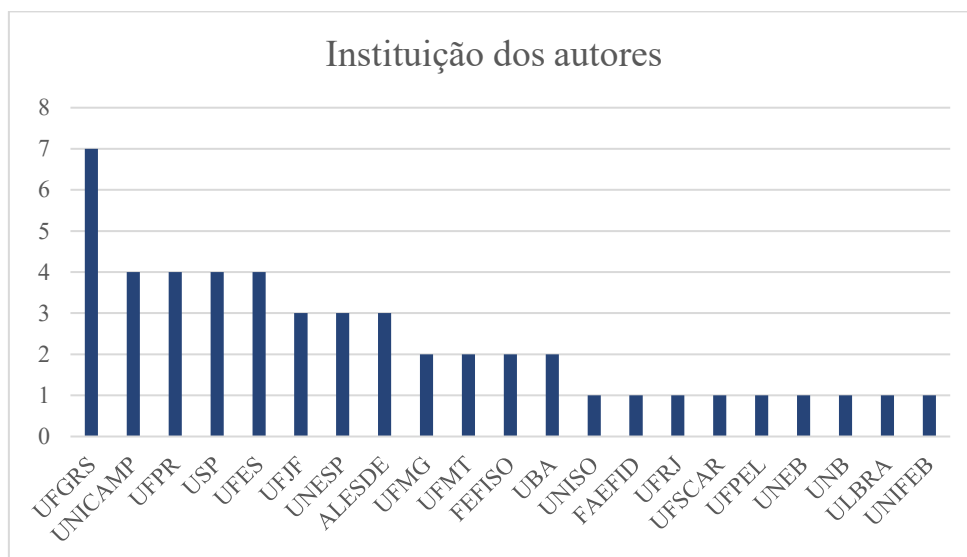
Em relação aos autores, pudemos constatar que há uma ampla variedade de assinaturas (49), com apenas 1 autor assinando mais de uma produção (2). Isso é indicativo de que as discussões sobre futebol e poder, ao menos na área da Educação Física, ainda são fragmentadas, sem pesquisadores com investigações sistemáticas.

Ainda sobre a autoria, é interessante notar que a maioria (59%) é do sexo masculino – o que indica que o futebol não apenas é uma atividade praticada e consumida (principalmente) por homens, mas, também, pesquisada. Conforme

veremos adiante, apesar disso, há um grande número de produções sobre relações de gênero.

No que diz respeito ao vínculo institucional dos autores, conforme indica o gráfico 2, a grande maioria se concentra no Sul e Sudeste, com destaque para a UFRGS. Essa concentração pode ser explicada pelo fato de a maior parte dos programas de pós-graduação da área se localizar nessas regiões. Ademais, alguns de seus estados contam com importantes agências de fomento à pesquisa, como é o caso da Fapesp, em São Paulo.

Gráfico 2: Publicações por ano



Fonte: Elaborado pelos autores

Pesquisando a temática “futebol e poder”

Uma vez apresentando o panorama geral dos artigos sob investigação, cabe, agora, discutirmos como abordaram as relações entre futebol e poder. Em primeiro lugar, sublinhamos que essas relações foram abordadas a partir de um amplo conjunto de teorias, autores e procedimentos metodológicos. Por um lado, essa diversidade permite observar essas relações de diferentes ângulos e, com isso, explorar vários de seus aspectos. Por outro lado, dificulta o aprofundamento teórico da área. Não à toa, observamos pouca (ou quase nenhuma) contraposição de ideias entre os artigos selecionados – o que indica que, na Educação Física, o debate sobre futebol e poder é fragmentado.

Em segundo lugar, destacamos que as relações entre futebol e poder também foram abordadas a partir de diversas temáticas, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1: Temas associados

Tema associado	Frequência	% do total
Relações de gênero	8	29
Pedagogia do esporte	5	18
Identidade nacional	3	11
Violência no futebol	3	11
Jornalismo esportivo	2	7
Política nacional	2	7
Relações étnico-raciais	2	7
Futebol de bairro	1	3
Políticas nos clubes	1	3
Total	27	100

Fonte: Elaborado pelos autores

Começamos pela temática mais recorrente: relações de gênero. O fato de diversos artigos pesquisarem a questão do poder a partir dessas relações indica preocupação da área com a dominação masculina e com as experiências das mulheres no universo do futebol – que, com frequência, são vivenciadas como insatisfatórias e permanecem na penumbra dos discursos públicos sobre esse universo. Essa preocupação também pode ser observada em outras áreas do conhecimento. De acordo com Vimieiro e colaboradoras (2023), a partir da segunda metade dos anos 2010, a academia brasileira intensificou seu interesse pelas discussões sobre esporte e gênero, com destaque para o futebol de mulheres. Em relação a esse futebol, não podemos nos esquecer que, desde 2016, foram adotadas várias medidas relativas à sua organização e profissionalização, que desaguaram no grande sucesso da Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2019, a mais assistida da história.

Além de destacar o interesse do material sob análise pelas relações de gênero, é importante sublinhar que, de modo geral, esse material não trata as mulheres como meras vítimas da dominação masculina. Ao contrário, tende a tratá-las como pessoas ativas e potencialmente críticas, capazes de desafiar a estrutura de poder do futebol. Por exemplo, o artigo “Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no Brasil: subversão e resistência na liderança esportiva” (NOVAIS; MOURÃO; SOUZA JÚNIOR; MONTEIRO; PIRES, 2021) analisa as estratégias de resistência adotadas por mulheres para que possam se manter numa condição de liderança no universo do futebol.

Certamente, ao retirar da penumbra as experiências das mulheres no universo do futebol e ao tratá-las como potenciais promotoras de mudanças sociais, os artigos sob análise contribuem para enunciar, denunciar e colocar em xeque a dominação masculina. No entanto, ao mesmo tempo, tendem a naturalizar o modo de produção capitalista, na medida em que ofuscam a exploração econômica a que é submetida qualquer atleta profissional ou na medida em que tratam essa exploração praticamente como um resultado inevitável do desenvolvimento do esporte feminino. Sem desconsiderar a legitimidade da luta das mulheres pela ampliação das oportunidades no mercado de trabalho futebolístico, não podemos perder de vista que, como qualquer outro, esse mercado é caracterizado pela extração da mais-valia. Em outras palavras, se, por um lado, podemos olhar para as referidas oportunidades como subversivas e contestadoras no que diz respeito às questões de gênero; podemos vê-las, também, como apoiadoras do status quo no que diz respeito às questões de classe.

Ainda sobre a temática relações de gênero, vale ressaltar a ausência de estudos sobre pessoas trans e/ou homossexuais. Trata-se, sem dúvida, de uma lacuna relevante, dada a (infeliz) persistência da homofobia e da transfobia em cantos, gritos, gestos e em outras práticas dentro e fora dos estádios de futebol. Neste ponto, no entanto, é importante fazer um parêntese: embora não tenham sido encontrados estudos sobre as referidas pessoas na revisão realizada, o debate sobre elas tem avançado, sim, na Educação Física, conforme indicam as contribuições de Luiza Aguiar dos Anjos (2022). Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a autora publicou um livro – com ampla circulação na área e, também, fora dela – que buscou remontar o universo histórico da criação da Coligay, uma das mais importantes torcidas organizadas da história do Brasil. Formada por homens homossexuais, em 1977, em plena ditadura civil-militar (1964-1985), a torcida rompeu, de acordo com a autora, uma série de barreiras e deixou legados.

Ao consultarmos o perfil de dos Anjos na Plataforma Lattes⁴, identificamos vários artigos da autora sobre homofobia no futebol e outros temas associados ao universo LGBTQIA+. Cabe nos perguntarmos, então: por que não

⁴ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7236003364163208>. Acesso em: 27 de jan. de 2025.

apareceram na nossa busca? Apontamos, aqui, duas razões: primeira, uma parte deles foi publicada em periódicos de outras áreas – o que reforça o caráter interdisciplinar da sua produção e do próprio debate sobre relações de gênero no futebol. Segunda, aqueles que foram publicados em revistas de Educação Física, provavelmente, não utilizaram os descritores empregados pela presente pesquisa – “poder”, “dominação” e “resistência” – em seus títulos, palavras-chave e/ou resumos. Isto é, é possível suspeitarmos que a discussão sobre futebol e poder, a partir da temática LGBTQIA+, esteja se dando a partir de outros termos.

A pedagogia do esporte foi outro tema (bastante) abordado nas discussões sobre futebol e poder. O fato de tal pedagogia ter recebido atenção do material sob análise não é, de modo algum, surpreendente, uma vez que ele foi publicado em periódicos da área de Educação Física – área que sempre se preocupou com os processos de ensino, treinamento e aprendizagem das práticas esportivas.

Também receberam alguma atenção dois temas ditos “clássicos” do campo de estudos sociais sobre futebol, a saber: identidade nacional e violência no futebol. É importante recordar, aqui, que ambos foram de grande relevância para o próprio desenvolvimento do referido campo. Ademais, têm sido, historicamente, abordados pela área da Educação Física, com os estudos pioneiros de Soares, no caso da identidade nacional, e os de Reis (2006) e Murad (2007; 2013), no caso da violência no futebol. Em relação aos artigos selecionados sobre este último tema, nenhum deles focalizou o comportamento das torcidas organizadas. Na verdade, um discutiu as representações veiculadas pela mídia sobre o fenômeno (LOPES, 2013) e outros dois as medidas e políticas adotadas pelo Estado brasileiro (BONIN; MEZZADRI; CAPRARO; CAVICHIOLLI, 2011; LOPES, REIS, 2017). Esse foco é interessante, pois contribuiu para complexificar o fenômeno da violência, chamando nossa atenção para o papel desempenhado por outros atores na sua produção, colocando-os como parte do problema, e não apenas da solução.

Além desses assuntos, foram analisados, em duas oportunidades cada, os temas política nacional, jornalismo esportivo e relações étnico-raciais. Em relação ao primeiro, um dos artigos (MASCARENHAS; SILVA; SANTOS, 2014) aborda a apropriação (discursiva) feita por Lula do futebol. Esta abordagem contribui, certamente, para suprimir uma lacuna na literatura, que, em geral, tem

dado mais atenção às apropriações feitas por parte das ditaduras, e não de governos democráticos. Em relação ao segundo tema, vale ressaltar sua relevância para a compreensão das relações entre futebol e poder. Afinal, o processo de “mediação” (THOMPSON, 2000) do espetáculo esportivo o tornou acessível a um grupo cada vez maior de receptores, ampliando, significativamente, o raio de ação de suas mensagens (incluindo, as ideológicas). Em relação ao terceiro tema, era de se esperar que a área desse uma atenção maior a ele, considerando os diversos casos de racismo nos estádios e que a participação dos negros no futebol brasileiro tem, historicamente, ensejado acalorados debates, como aquele protagonizado por Soares (2001) e Helal e Gordon Jr (2001).

Outros temas que foram abordados, mas apenas uma vez cada, foram o futebol de bairro e a política de clubes. É interessante notar, portanto, a existência de uma lacuna de produções da área sobre outros futebóis, além do profissional, e sobre o que acontece dentro da principal instituição do universo futebolístico. Afinal, conforme Damo (2012), o que é comum a praticamente qualquer torcedor é o fato de ele apoiar um clube. Este é fonte de pertencimento e de identidade (individual e coletiva), definindo as fronteiras grupais no universo torcedor, ou seja, quem faz parte do “nós” e quem não faz. É, em geral, o clube o objeto da “falação esportiva”, aquele que mobiliza os afetos, os discursos e as práticas torcedoras.

Considerações finais

Neste artigo, realizamos um balanço bibliográfico da produção acadêmica em Educação Física sobre futebol e poder. Entre outras coisas, tal balanço nos mostra que há poucas publicações sobre a temática, e que os periódicos com maior número de artigos publicados foram as revistas Movimento, Motrivivências e Pensar a Prática. Em relação aos autores, constatamos que há uma ampla variedade de assinaturas, o que sugere que as discussões sobre futebol e poder ainda são fragmentadas, sem pesquisadores da área com investigações sistemáticas. Também observamos que a maioria dos autores é do sexo masculino e vinculada a uma instituição do Sul ou do Sudeste.

Em relação ao conteúdo do material selecionado, constatamos que o principal assunto associado à discussão sobre futebol e poder é gênero. Ao debruçarmo-nos sobre esse assunto, observamos que a área se mostra preocupada com a dominação masculina no universo do futebol e busca iluminar as experiências e vivências das mulheres nesse universo. Também constatamos que o segundo tema mais investigado é a pedagogia do esporte, seguido por duas temáticas “clássicas” dos estudos sociais do futebol: violência e identidade nacional. No que diz respeito aos referenciais, notamos que não há uma corrente predominante.

Por fim, gostaríamos de destacar que, em estudos futuros, pretendemos, numa espécie de voo rasante, esmiuçar cada uma das temáticas abordadas pelos artigos selecionados, analisando os conjuntos mais amplos de pressupostos que norteiam as análises sobre elas. Também pretendemos estabelecer comparações entre o material pesquisado e os estudos sobre futebol e poder produzidos em outras áreas e países. Afinal, conforme já indicamos, esses estudos atravessam diferentes áreas e ocorrem em diferentes lugares. Nossa análise centrou-se em um recorte bastante específico, que, certamente, precisa ser ampliado para avançarmos na discussão proposta.

Referências

- ALABARCES, Pablo. Veinte años de ciencias sociales y deportes, diez años después. **Revista Alesde**. v. 01, n. 01, 2011, p. 11-22.
- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay**. Santos: Dolores Editora, 2022.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Delgradón, 2016.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BONIN, Ana Paula Cabral; MEZZADRI, Fernando Marinho; CAPRARO, André Mendes; CAVICHIOLO, Fernando Renato. O papel do Estado no controle da violência no futebol. **Motrivivência**. v. 36, n. 27, 2011, pp. 156-170.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

- BROHM, Jean-Marie. 20 tesis sobre el deporte. In: BARBERO, Jose Ignacio (Ed.). **Materiales de sociología del deporte**. Madrid: Las Ediciones de La Piqueta, 1993, p. 47-55.
- BROHM, Jean-Marie. **Sociología política del deporte**. Ciudad del México. Fondo de Cultura Económica, 1982.
- COSTA, Leda; HELAL, Ronaldo. Estudos sobre deportes y fútbol en Brasil. En los campos de la sociología y la comunicación. **REA – Revista Euroamericana de Antropología**. v. 12, 2021, p. 51-66.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982, p. 19-42.
- DAMO, Arlei. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 57, 2012, p. 45-72.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process**. Cambridge: Blackwell, 1993
- FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, v. 163, 2010, p. 293-350.
- GUEDES, Simone Lahud. **O futebol brasileiro: instituição zero**. São Paulo: Ludopédio, 2023.
- HELAL, Ronaldo. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, vol. 08, n. 21, 2011, p. 11-38.
- HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 51-76.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol: ideologia na construção de um problema social**. Curitiba: CRV, 2019.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e**

Esporte. v. 27, 2013, p. 597-612.

LOPES, Felipe Tavares Paes; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. A política nacional de prevenção da violência e segurança nos espetáculos esportivos: desafios e propostas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, n. 01, v. 31, 2017, pp. 195-208.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

MARTINO, Luís Mauro Sá. “Publicar ou perecer”? Três dimensões das publicações acadêmicas na pesquisa em Comunicação. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. v. 11, n. 24, 2023, p. 1-21.

MASCARENHAS, Fernando Mascarenhas; SILVA, Silvio Ricardo da Silva, SANTOS, Mariângela Ribeiro dos Santos. Lulismo e futebol: os discursos de um torcedor presidente. **Movimento**, v. 20, n. 02, 2014, pp. p. 495-517.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_MURAD, M. Práticas de violência e mortes de torcedores no futebol brasileiro. **Revista USP**. n. 99, 2013, p. 139-152.

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO; Ludmila; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; MONTEIRO, Igor Chagas; PIRES, Bárbara Aparecida Bepler. Treinadoras e auxiliares do futebol de mulheres no brasil: subversão e resistência na liderança esportiva **Movimento**, v. 27, 2021, pp. 1-18.

RAMOS, Roberto. **Futebol: ideologia do poder**. Petrópolis: Vozes, 1984.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

SEBRELI, Juan José. **Fútbol y masas**. Buenos Aires: Editorial Galerna, 1981.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 13-50.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Petrópolis: Vozes, 1977.

THOMPSON, John. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na antropologia brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 94, 2020, p. 1-32.

_____. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebolis na antropologia brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 94, 2020, p. 1-32.

VIMIEIRO, Ana Carolina et. al. Estudos sobre mídia, gênero e esporte no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. **E-compós**. 2023, p. 1-27.

VINNAI, Gerhard. **El fútbol como ideología**. 2 ed. Ciudad de Mexico: Siglo Veintiuno Editores, 1978.